**SENSIBILIDADE ORANTE – Leitura Orante Vocacional**

Ir. Sirlei do Rocio Gonçalves Cordeiro (SDP)

*“25 Por isso vos digo: Não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário?*

*26 Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?*

*27 Ora, qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado à sua estatura?  
28 E pelo que haveis de vestir, por que andais ansiosos? Olhai para os lírios do campo, como crescem; não trabalham nem fiam; 29 contudo vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles.*

*30 Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?*

*31 Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? 32 {Pois a todas estas coisas os gentios procuram.} Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso” (*[Mt 6,25-32](https://www.bibliaonline.com.br/aa/mt/6/25-32+))

Lendo e rezando o texto acima, poderíamos nos perguntar: *Será que este é um texto vocacional?* Ele não se refere especificamente sobre a vocação de alguém; talvez, podemos intuir que fala da vocação dos pássaros, das ervas e das flores... dessas coisas tão simples que logo se desfazem, mas não deixam, na sua simplicidade, de cumprir a missão que Deus lhe deu. Fala também da nossa ansiedade diante das necessidades importantes na vida: comer, beber, vestir-se, mas, principalmente, aponta para nosso esquecimento daquilo que é essencial: do Deus que deu a vida à todas as criaturas, que nos conhece e sabe do que precisamos.

Sim, é um texto vocacional. Deus nos chama para ter um novo olhar diante da vida, para nos deixarmos conduzir por Ele, sem medo e sem ansiedade, porque Ele cuida de nós.

Podemos dizer que Leitura Orante da Palavra de Deus é sempre vocacional, porque necessariamente existe na Palavra uma voz que fala/chama e uma voz que escuta. A Leitura Orante é este diálogo do ser humano e Deus. Diálogo, não monólogo, mesmo que em certas ocasiões parece que ouvimos só o Seu silêncio.

Portanto, não só aquelas leituras orantes que falam sobre os chamados bíblicos, como de Abraão, Moisés, Isaías, Jeremias, Maria, os discípulos, são vocacionais. Estes são exemplos fortes que nos tocam, que dão testemunho da força do chamado, que demonstram a luta interior, a força e a vitória de Deus: “*Seduziste-me Senhor e me deixei seduzir*” (Jr 20,7); de pessoas que não se fizeram surdas à voz Dele. Mas a Palavra não se restringe a “testemunhos de chamados”, o que virou quase uma moda nos dias de hoje. Multiplicam-se as histórias de chamado, que afetam, muitas vezes, mais nossas emoções que o caminho da fé que percorremos, isto é, mexem com nossa sensibilidade, mas nem sempre nos levam a rezar, a descer em nossas profundezas.

A sensibilidade orante de que falamos nos leva a ver Deus até mesmo nos lugares e acontecimentos em que Ele “parece” não existir. Naquelas situações em que nos perguntamos: “Onde está Deus?” e percebemos que é exatamente “ali” o lugar em que Ele está: nos momentos de aridez, de sofrimento, em que não sentimos nada, nem temos vontade de nada, e que, no entanto, não deixamos de buscá-Lo até mesmo sem perceber: é a sede de Deus que nos guia.

**Mas então o que significa sensibilidade orante?**

A sensibilidade em si é a capacidade de perceber as sensações emocionais ou sensações físicas. É algo que compreendo, mas não consigo explicar pela razão. Provoca uma reação, ou um sentimento, ou uma intuição, ou estas três coisas juntas. Todos/as temos diferentes tipos e níveis de sensibilidade. Há pessoas tão sensíveis emocionalmente que dizemos que vivem “ a flor da pele”, como se seus sentimentos brotassem pelos seus poros. Ao contrário, há aquelas que parecem que nada as tocam, nada as atingem, são quase sempre impassíveis, insensíveis.

A palavra sensibilidade se originou do latim “sensibilitas” que traduzido significa “sentido”, isto nos reporta aos nossos cinco sentidos: o olfato, paladar, visão, audição e tato. Podemos dizer que a sensibilidade em nossa oração passa também pelos nossos sentidos. Por isso ouvir uma boa música, estar em um lugar belo, sentir um cheiro agradável, tudo isto pode contribuir para despertar em nós o desejo e a vontade de rezar.

Já a Palavra “orante” refere-se aquele/a que está em oração, isto é, a pessoa que procura conectar-se com o Divino com o Transcendente, porque compreende que este Ser tem o poder sobre sua vida e dos demais.

Consequentemente, a Sensibilidade Orante, é o que faz aflorar em todos os nossos sentidos, em nosso coração, em nosso intelecto, enfim, em todo o nosso ser, o desejo de nos conectar, de nos relacionar com Deus, que é o Senhor da nossa vida.

Quanto mais nos tornamos sensíveis à oração, mais percebemos quando Deus nos fala, porém, o contrário também é verdadeiro. E, assim como a perda da sensibilidade física pode nos levar a morte, o mesmo pode acontecer com a perda da sensibilidade orante: deixamos de escutar a Deus e morremos espiritualmente. Por isso a importância de desenvolvermos cada vez mais esta sensibilidade.

**CAMINHO DA SENSIBILIDADE ORANTE**

O caminho da sensibilidade orante se faz em um caminho de fé. É a fé que me torna cristão, que me leva a dizer: “Jesus Cristo é o Filho de Deus Vivo” (cf. Mt 16,13-26), mas isto não é o suficiente, pois até os demônios podem fazer esta declaração (cf. Mc 5,7). Padre Luigi Maria Epicoco nos diz que a fé cristã “*não é um conjunto de ideias que tenho de Jesus, não é o cumprimento de leis, não é o serviço aos pobres”*[[1]](#footnote-1); ainda que tudo isto seja fundamental para o/a cristão/ã, tudo isto não exige fé. A fé cristã, necessita que possamos testemunhar os sentimentos e ações que brotam dela.

Ao se referir à parábola do samaritano, o Papa Francisco em sua locução antes do Angelus, no 15º Domingo comum, disse: *“O único que lhe presta socorro é justamente o samaritano, "justamente quem não tinha fé!".* Prossegue dizendo: “*este homem, foi capaz de expressar plena humanidade e religiosidade, de amar Deus mesmo sem conhecer. É um homem que dentro de si, mesmo sem conhecer, tinha as raízes da fé, pois o bem, o bom e o belo habitavam nele. E nós, que dizemos que temos fé, de que somos capazes?”* Então, parece-me que a fé nos faz dizer do que somos capazes de pensar, de sentir e de fazer a partir dela.

A teóloga Lidia Maggi[[2]](#footnote-2) diz que a fé tem a ver com a fidelidade, pois “ *fé é a adesão de quem crê e a fidelidade é a fé submetida ao longo da história*”, isto é, a fé pode ser verificada no percurso existencial que fazemos. A fidelidade de Deus é vista ao longo de toda a Bíblia, apesar de nossas infidelidades. Segundo ela, a Bíblia é o livro da “segunda chance”, é como se Deus dissesse a nós: “*Recomece, recomece, recomece*...”. Não é isto que podemos observar ao longo de toda a Palavra de Deus? Diante dos falimentos humanos e traições, Deus não deixa de ser fiel à Sua Palavra. Deus não se cansa de amar. A nossa fidelidade na escritura é de adesão à vida e ao Deus da Vida, dando-nos conta de nossa fragilidade, de nossos limites. É a “*fidelidade dos fracos*”, daqueles que não são autossuficientes e, por isso, tem necessidade dos outros e do Outro. É a partir desta necessidade que é possível rezar: “*Fala, Senhor, que teu servo escuta*”(1Sm 3,10).

Porém, em um tempo de acentuado individualismo e de emoções a flor da pele, existe uma possibilidade de criarmos orações “deficitárias” no sentido de sofrer algum tipo de dano, ou de faltar alguma coisa em sua expressão. A oração, por exemplo, não é somente para nos sentirmos bem, como algo que fazemos simplesmente para nos dar prazer, como um hobby, ainda que a oração possa contribuir para isto; também não é apenas recitações de fórmulas ou aplicações de técnicas para falar com Deus. Tudo isto deixa de ser oração se não levar à uma relação contínua com Aquele que dizemos amar, de diálogo com nosso Deus.

Se busco a oração somente pela minha necessidade, a minha relação é “interesseira”, não de amor, pois quando se ama de verdade, pensa-se mais no outro que em si mesmo/a. Dizia ainda Padre Luigi Maria Epicoco: “*A oração não é obter uma graça, mas é se transformar em graça*”[[3]](#footnote-3). Nesta oração teremos, em certos momentos: luta, escuridão, vazio, angústia, mas também aproximação, luzes, preenchimento, serenidade. A oração não é feita só de sensibilidade emocional, mas de uma verdadeira sensibilidade orante. Eis alguns passos para chegar à esta sensibilidade orante:

**1) Passos da verdade e da humildade**: Já dizia Santa Tereza: “A humildade é a verdade”. Principalmente aquela sobre nós mesmos. É saber-se húmus, reconhecer os seus limites e as suas misérias, mas também aquilo que existe de bom e de belo em si. Não se reza se escondendo de Deus e nem de si mesmo. Não podemos, como Adão, querer esconder a nossa nudez perante Deus, pois fugindo aos olhos Dele, escondemo-nos de nós mesmos/as[[4]](#footnote-4). Martin Buber nos fala que: “*Adão se esconde por não dar conta, para fugir da responsabilidade da própria vida*”[[5]](#footnote-5) e que “*o caminho através do qual o homem terá acesso a Deus lhe pode ser indicado unicamente pela consciência do próprio ser*”[[6]](#footnote-6). Deus tem os olhos “mansos”, não precisamos nos envergonhar do que somos. As nossas experiências de falimento: insucessos, traições, fragilidades, podem nos ensinar a sermos mais humildes. A humildade nos mostra a nossa pequenez e a grandeza de Deus e ensina-nos a ter uma relação de confiança e de dependência de Deus.

**2) Passos de misericórdia e compaixão:** A misericórdia é debruçar o coração sobre a miséria humana. Compaixão é sofrer/padecer “com” o outro. Estes são dois sentimentos que se completam, que nos levam a empatia por quem sofre. A dor do outro/a não me é indiferente. Quem se compadece é capaz de tocar no outro e no Outro. É a partir desta percepção que podemos rezar, pois este é o olhar de Deus: *“...mas para esse olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra*” (Is 66,2). Posso viver a compaixão e misericórdia sem fé. Mas não posso viver a fé cristã sem compaixão e misericórdia. “*A capacidade de compaixão se tornou a medida do cristão, ou melhor, do ensinamento de Jesus*”, nos fala o Papa Francisco. Preciso passar de uma insensibilidade egoística para uma sensibilidade da compaixão.

**3) Passos do silêncio e do esvaziamento**: Silenciando-me e esvaziando-me, acolho com mais facilidade os outros e o Outro. Estas são duas sensibilidades imprescindíveis para quem está no caminho orante. É no silêncio que nasce a oração. Porém, “Ficar quieto”, nem sempre é o mesmo que “estar em silêncio” ou, ainda, “fazer silêncio”. Diria que este último: o “fazer silêncio”, nos move para uma busca do próprio silêncio interior, é uma ação que “faço” para calar em mim os vários barulhos que existem. Há pessoas que buscam o silêncio e outras que fogem dele. Ele pode nos provocar medo, levando-nos a olhar para dentro de nós e, às vezes, mostrando-nos coisas que não queremos ver. É fazendo silêncio que posso descobrir Deus que habita em mim. Jesus mesmo nos ensina: “*Mas, quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto. Então seu Pai, que vê em secreto, o recompensará*” (Mt 6,6). Entre no teu “silêncio” e encontrará a voz que te chama/ama e as respostas que busca. “*Quando tudo é silêncio ao nosso redor, tudo é solene como uma noite cheia de estrelas*” (Kierkegaard). O esvaziar-se é a condição para ser preenchido por Deus. Sem isto, como Deus pode crescer em mim? Lembremo-nos que o centro da vida é Deus e não eu.

**4) Passos da escuta e do discernimento:** Não há relação sem escuta do Outro e, às vezes, até mesmo de Seu silêncio. Uma escuta que nos torna mais sensíveis ao querer de Deus, que busca a cada dia fazer a vontade Dele, priorizar aquilo que Ele quer e não o que queremos. Sabemos que Deus fala de muitos modos, mas de maneira especial através de Sua Palavra. Por isso a importância em ter ouvidos atentos e obedientes ao que Ele nos diz. A Palavra de Deus deveria ser uma companhia constante em nossa vida. O documento do 4º Congresso Vocacional do Brasil nos diz que: *“A Palavra de Deus é o centro de nossa vida e de nosso caminho. Ela ilumina a mente e o coração”*, precisamos acolher o “*primado da Palavra*” para “*discernir os “sinais dos tempos” e “corresponder à vontade do Senhor”[[7]](#footnote-7).* Tomando cuidado do Maligno que, muitas vezes, utiliza-se erroneamente da Palavra para nos condenar e nos afastar do amor misericordioso de Deus. A escuta constante da Palavra nos salva, nos cura, nos purifica, nos faz voltar a dignidade perdida pelo pecado; não nos condena, mas nos transforma por dentro.

**5) Passos de gratidão e de docilidade:** A gratidão se manifesta quando somos capazes de proclamar com a própria vida tudo o que recebemos de Deus, reconhecendo o grande amor que Ele tem por cada um de nós: “*Ele é bom e seu amor é eterno*”(Sl 136,1), diz o salmo. Reconhecer, em latim, é “trazer a mente de novo”. A pessoa que aprende agradecer, sabe que tudo vem de Deus, sabe que recebeu bem mais que merecia, sente-se imensamente feliz por tudo que lhe foi dado. Possui um coração que sabe render graças a Deus e que se deixa conduzir por Ele com docibilidade. Amedeo Cencini nos diz que docibilidade é “*a liberdade do sujeito de se deixar tocar-educado pela vida, pelos outros, por todas as situações existenciais e por aprender da vida e da experiência”[[8]](#footnote-8)*, é a pessoa que vive em estado permanente de formação. Enquanto existirmos neste mundo seremos sempre aprendizes, dóceis ou desobedientes, vai depender da nossa capacidade de abrir-se ao amor.

**Caminho que nunca é feito só....**

Cada pessoa é dona de seus próprios passos, porém, quem se torna sensível à oração, aprende que não caminha só: Deus é seu companheiro de caminhada e se faz estrada conosco, ou melhor, Ele é o próprio caminho: “*Eu sou o caminho*” (Jo 14,6). Mas este amor “*louco de Deus*”, nos leva, às vezes, por caminhos estranhos. Andrea Louf[[9]](#footnote-9), monge trapista, diz que Deus para tirar os ídolos escondidos de nosso coração, Ele nos fere para nos curar. Nesta cura das nossas feridas precisamos fazer um caminho que nos faz descer ao nosso “*inferno*”, confiando em Deus, que nos destrói e reconstrói e acompanha-nos nesta descida e na subida até Ele: nosso Kenosis. É neste espaço que, muitas vezes, acontece a nossa luta com Deus. Por isso, é bom contarmos com pessoas mais experientes que tem mais tempo de caminhada e experimentaram esta descida e subida.

Para quem se propõe fazer um percurso existencial, discernindo continuamente a voz de Deus, é bem importante que confie em alguém para não se perder no caminho, mas, sobretudo, confiar em Deus que não nos abandona nunca: “*Se Ele fere, Ele cuida da ferida*” (Jó 5,18).

**Conclusão**

A sensibilidade orante é a saída de nós em direção a Deus que nos convida a olhar os pássaros do céu e as flores do campo, que também nos diz que quando fizermos o bem aos nossos irmãos/ãs feridos em sua dignidade é a Ele que estaremos fazendo. Ela nos faz sair em direção à humanidade e em direção a Deus. Assim como existe uma voz de Deus que nos chama porque nos ama, existe uma voz da pessoa humana que chama e ama a Deus, que não apenas fala, mas até mesmo grita, principalmente quando Ele silencia. Nelle Dell’Agli vai dizer que: “*o aparente silêncio do Senhor permite a maturação da capacidade de escuta, o aperfeiçoamento perceptivo: o atravessamento noturno do silêncio realiza a transformação da pessoa*”[[10]](#footnote-10).

A oração é relação, nela está presente a necessidade de escutar e de sermos escutados: Deus também quer nos escutar. Se nós fazemos uma leitura orante de Deus, Deus também faz uma leitura orante de nós. E aqui há algo que só um coração que reza pode entender: Deus é profundamente tocado pelo sofrimento humano. Deus “*é ferido no íntimo pela rejeição e infidelidade dos seus e, ao mesmo tempo, condivide com eles seus sofrimentos*”[[11]](#footnote-11). É como se existisse uma oração escondida de Deus em meio a nossa oração. Deus se mistura à nossa humanidade, torna-se um necessitado ... de cuidado, de escuta, de palavra, de amor ... um Deus que sofre conosco, se faz um de nós para que possamos possuir sua sensibilidade e nos transformar naquilo que Ele é.

1. EPICOCO, Luigi Maria, “Donami un cuore che prega”, in <https://www.youtube.com/watch?v=RkFZOolMnMk>, 2021. [↑](#footnote-ref-1)
2. MAGGI, Lidia, “Fedeltá”, in <https://www.youtube.com/watch?v=Eu4S5ppeaPM>, 2021. [↑](#footnote-ref-2)
3. EPICOCO, Luigi Maria, op.cit. [↑](#footnote-ref-3)
4. Cf. BUBER, Martin. “*Il Cammino dell’uomo*”. Edizioni Qiqajon, 1990, p.22 [↑](#footnote-ref-4)
5. Idem, p.21 [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, p.29 [↑](#footnote-ref-6)
7. Texto base do 4º Congresso do Brasil. Edições CNBB, 2018, p.14 [↑](#footnote-ref-7)
8. CENCINI, Amadeo. “Il respiro della vita - La grazia della formazione permanente”. San Paolo 2002 [↑](#footnote-ref-8)
9. Cf. LOUF, Andre. “Sotto la guida dello Spirito” Qiqajon, Bose, 1990. [↑](#footnote-ref-9)
10. AGLI, Nell Dell’. “Lectio Divina e Lectio humana”. p,44 [↑](#footnote-ref-10)
11. Idem, p.44. [↑](#footnote-ref-11)